

Masculinidade(s): reflexões em torno de seus aspectos históricos, sociais e culturais.

*Fábio Henrique Lopes*¹

Resumo

Neste artigo focalizo a dimensão histórica, social e cultural das masculinidades. A partir de determinadas condições de nosso tempo presente - do debate acadêmico e das imagens e referências sociais e culturais -, algumas possibilidades de abordar e analisar o tema são identificadas e exploradas. A proposta é abrir debate sobre as maneiras pelas quais nossa sociedade concebe a masculinidade, como forja sentidos e valores aos saberes, discursos, sujeitos, práticas, hábitos e comportamentos que definem os homens, suas experiências da masculinidade e suas representações do masculino.

Palavras-chave: Masculinidade, Alteridade, Subjetividade, Relações de poder.

Masculinity(s). Reflections around their historical, social and cultural aspects.

Abstract

In this article I focus the historic, social and cultural dimension of masculinities. From certain conditions of our time this- of academic debate and images and social and cultural references, some opportunities to discuss and analyze the theme are identified and explored. The proposal is to open debate on the ways in which our society conceives of masculinity, as other senses and values to knowledges, discourses, practices, habits and behaviors that define men, their experiences of masculinity and its representations of the male.

Key Words: Masculinity, Alterity, Subjectivity, power relations.

1. Doutor em História. Professor Adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRRJ. Pesquisador do CNPq. E-mail: lopesfh@yahoo.com. O presente artigo foi primeiramente apresentado no *Seminário Nacional Vozes da Globalização*. (coordenação: Profa. Dra Ana Maria Dietrich). Escola Livre de Literatura, Casa da Palavra, Prefeitura Municipal de Santo André) - coordenação geral - Cassiano Tirapani.

No Brasil, ao longo das últimas duas décadas, assistimos a uma proliferação, não apenas quantitativa, dos estudos em torno da masculinidade. De várias áreas do saber - História, Educação, Medicina Social, Sociologia, Linguística, por exemplo-, novas reflexões, artigos, dissertações e teses começam a constituir o que em breve será um campo de estudo.

As problematizações e a documentação são variadas. As proposições e conclusões revelam uma gama sortida, colorida e matizada de saberes, discursos, experiências, realidades, desejos, afetos... Mas em todos os trabalhos, algumas considerações são tomadas como princípios norteadores: a constatação de que a masculinidade não é natural, mas sim histórica e datada; que o universal masculino é uma invenção histórica, além de estratégia e prática de poder; suas percepções e experiências são forjadas social e culturalmente. Ao mesmo tempo, tais obras destacam: a existência de masculinidades, no plural, não mais no singular; novos olhares, que analisam e exploram os processos históricos (sócios, políticos e culturais) de produção e divulgação de modelos e padrões de masculinidades, de experiências e vivências masculinas, não só as heterossexuais. Diante desse horizonte, novas articulações são testadas, aproximando e entrecruzando “raça”, classe social, identidades nacionais e/ou regionais, subjetividades, gêneros e, mais recentemente, estudos, teoria e política queer.

Este é o contexto no qual este artigo se faz possível: a diversificação das masculinidades contemporâneas. A partir das referências acima, busco trazer elementos para uma reflexão possível e para um debate sobre as masculinidades, não mais aquela outrora vista como portadora de uma essência, cristalizada como experiência coletiva universal. Agora, podemos falar de masculinidades, sempre no plural, a partir de experiências de nosso tempo presente! Ressalto, ainda, meu território de fala: o da história cultural. É de dentro desse campo que sou estimulado a provocar a estabelecer diálogo, tecer aproximações e apresentar questões sobre as historicidades, a condição atual, não homogeneizada, de nossa experiência, minha, sobretudo, em torno das masculinidade(s).

Inicialmente, para começar a provocação, quero lembrar alguns trechos, indubitavelmente irônicos, ácidos e corrosivos, de um conto de Luiz Fernando Veríssimo (2000), chamado “Homem

que é homem?”. Antecipo-me e já peço desculpas pelo fato de os trechos abaixo serem longos, mas são indispensáveis para meus objetivos:

Homem que é Homem não gosta de canapés, de cebolinhas em conserva ou de qualquer outra coisa que leve menos de 30 segundos para mastigar e engolir.

Homem que é Homem não come suflê. Homem que é Homem — de agora em diante chamado HQEH — não deixa sua mulher mostrar a bunda para ninguém, nem em baile de carnaval.

HQEH não mostra a sua bunda para ninguém. Só no vestiário, para outros homens, e assim mesmo, se olhar por mais de 30 segundos, dá briga

(...) Existe um HQEH dentro de cada brasileiro, sepultado sob camadas de civilização, de falsa sofisticação, de propaganda feminina e de acomodação. Sim, de acomodação. Quantas vezes, atirado na frente de um aparelho de TV vendo a novela das 8 — uma história invariavelmente de humilhação, renúncia e superação femininas — você não se perguntou o que estava fazendo que não dava um salto, vencida a resistência da família a pontapés e procurava uma reprise do Manix em outro canal? HQEH só vê futebol na TV. Bebendo cerveja. E nada de cebolinhas em conserva! HQEH arrotta e não pede desculpas.

(...) Profissão para um HQEH é motorista de caminhão. Daqueles que, depois de comer um mocotó com duas Malzibier, dormem na estrada e, se sentem falta de mulher, ligam o motor e trepam com o radiador. No futebol HQEH é beque central, cabeça-de-área ou centroavante. Meio-de-campo é coisa de veado.

HQEH acha que movimento gay é coisa de veado.

HQEH nunca vai a vernissage.

HQEH diz que não tem preconceito mas que se um dia estivesse numa mesma sala com todas as cantoras da MPB, não desencostaria da parede.

Coisas que você jamais encontrará em um HQEH: batom neutro para lábios ressequidos, pastilhas para refrescar o hálito, o telefone do Gabeira, entradas para um espetáculo de mímica.

Coisas que você jamais deve dizer a um HQEH: “Ton sur ton”, “Vamos ao balé?”, “Prove estas cebolinhas”.

Coisas que você jamais vai ouvir um HQEH dizer: “Assumir”, “Amei”, “Minha porção mulher”, “Acho que o bordeau fica melhor no sofá e a ráfia em cima do puf”.

Texto indiscutivelmente risível. Como não rir, não se divertir com tamanha acidez e perspicácia? Mas não só! Texto provocativo e, ousado dizer, emblemático. Passível de vários usos e agenciamentos. Portador de clássicos clichês e estereótipos sobre as referências, modelos, padrões do que seria um homem “de verdade”, um macho! Conto repleto de lugares comuns, imagens, e representações típicas e, porque não, recorrentes. De acordo com a tecedura de Veríssimo, existiria um tipo de homem padrão, identificável a partir de seus comportamentos, atitudes, modos, gostos e prazeres, a partir do qual, todos os outros seriam classificados, enquadrados, pensados, rotulados, engrandecidos ou ridicularizados. Assim, a partir do centro da norma, formas desviantes da masculinidade seriam denunciadas e valores hegemônicos do masculino forjados.



Figura 1 – Macho que é macho.

comigo, sério. Quando você termina com seu namorado e, meses depois, ele começa a namorar seu ex-melhor amigo, a coisa não está legal e seu *gaydar* precisa de um update” (DEWETT, 2010). Já ressalto que são meus os grifos em *gaydar*, referência a um suposto radar para identificar gays enrustidos – os tais príncipes que, na verdade, seriam cinderelas –, ainda no armário, causadores de dor, sofrimentos e amargura em ingênuos e desavisadas moçoilas. Ainda nas palavras da autora da resenha,

as autoras criaram um guia engraçado, cheio de comentários, tiragens e desabafos de mulheres e homens que passam por situações chatas com isso. Óbvio que é só um guia. Ninguém por aí vai sair terminando com os namorados ou achando que são gays só porque separam a roupa por cores, usam só coisas de marca, passam horas no espelho, preferem passar mais tempo com os amigos do que com a namorada, etc! Mas as autoras garantem que é bom ficar sempre de olho hahaha (DEWETT, 2010).

Construo e apresento a segunda provocação possível, constituída a partir de duas resenhas publicadas na internet, referentes ao livro *Cuidado! Seu Príncipe poder ser uma Cinderela!* de Azevedo e Dieguez (2010). A primeira, publicada em maio de 2010, destaca o suposto tom brincalhão, jocoso, divertido, da brincadeira proposta pelo livro. Segundo a autora da resenha (DEWETT, 2010), “as jornalistas criaram esse guia prático para ajustar seu *gaydar* e não sofrer mais pra frente quando descobrir que seu namorado não é tão hétero quanto você imagina.” Logo em seguida, continua sua saga: “(...) Já aconteceu

Chamo a atenção para dois aspectos. Em primeiro lugar, o fato de o livro ser um guia prático, ou seja, busca lapidar o olhar, apurar o faro, adestrar os sentidos para a verdade oculta: a condição feminina do príncipe! Em seguida, não posso deixar de perceber a preocupação, presente em todo o livro, de avaliar aqueles desviantes do padrão de masculinidade visto como natural, ou seja, a partir da ordem e da norma heterossexual. Norma essa, o tempo todo reforçada, esperada e a desejada, como se apreende, por todas as mulheres. Nesse jogo de sentidos, os “sujeitos universais” “homem” e “mulher” são definidos e definidores de desejos, afetos, prazeres, dor e, como foi frisado, “situações chatas”!

Como se não bastasse, presa na armadilha dos agenciamentos da própria narrativa das jornalistas, a autora da resenha conclui que “as críticas são razoáveis, as dicas muito legais e, pode deixar, seu *gaydar* não vai ter problemas daqui pra frente!” (DEWETT, 2010). Pronto, daqui para frente nada mais de dúvida! O esquadrinhamento já fora realizado e agora estaria disponível em poucas páginas escritas em “tom divertidíssimo”.



Figura 2: Homem de salto.

A segunda resenha, publicada no mês, maio de 2010, devidamente assinada e em *site* de reconhecimento nacional, anuncia, logo no título, o tom da análise: “Livro ‘Seu príncipe pode ser uma Cinderela’ lança a homofobia ‘soft’”.

De outro território de fala, o autor desta segunda resenha, Ronald Villardo, observa que com a

intenção de ser um bem humorado guia para identificar gays no armário, “Cuidado!...”, na verdade, traz as mais bizarras afirmações sobre o comportamento masculino, que não apenas limitam a perspectiva da sociedade diante de uma parcela da população como também são ofensivas a heterossexuais que porventura não se encaixem no protótipo de machão descrito como o supostamente esperado pelas mulheres (VILLARDO, 2010).

Além de rotular, reforçar estereótipos e enraizar o que são construções históricas, sociais, culturais e subjetivas para aqueles transformados em enrustidos, ainda escondidos no fundo do armário, Villardo identifica a exclusão daqueles tantos homens heterossexuais que não se deixam capturar pelos tentáculos do “protótipo machão”, aquele reforçado por Veríssimo que não gosta de canapés, que arrota e não pede desculpas, que nunca vai a vernissage e é motorista de caminhão. Ao mesmo tempo, o autor dessa segunda resenha também constata que há na obra a universalização dos desejos, sonhos e encantos das mulheres, como se todas, em uníssono, clamassem por tal modelo e padrão de masculinidade.

“Homofobia *soft*”, “visão entristecedora” que, de acordo com Villardo “certamente subsidiará aqueles que nutrem real preconceito contra homossexuais com um farto material para observações inapropriadas, levadas bem mais a sério do que se imagina”(VILLARDO, 2010). Todos esses jogos são travestidos e camuflados de divertimento, sagacidade e astúcia. Ao mesmo tempo, revelam estratégias de embate, enfrentamentos e batalhas que fazem do risível, do anedótico armas bélicas e belicosas.

Algumas sugestões oferecidas ao leitor/a merecem destaque: “suspeite do homem que repara na marca do sapato”; “Desconfie dos que passam máquina nos pelos” e, por último, já que a lista de conselhos é extensa, não valendo a pena ir muito adiante, “suspeite se ele odeia sexo oral nela” (VILLARDO, 2010). Pobres homens aqueles que não sentem prazer em fazer sexo oral em suas companheiras; seriam todos cinderelas? Segundo as autoras, é grande a possibilidade de usarem sapatinhos de cristal!

Bem, estas duas obras são transformadas em ponto de partida. As razões são de ordens diversas, mas devo destacar algumas. Por meios de vários saberes e discursos, visibilidades e dizibilidade,

imagens, experiências e vivências construímos e naturalizamos a masculinidade e a feminilidade, os masculinos e os femininos. Personagens de filmes e novelas, de obras literárias ou históricas, de propaganda e publicidade; discursos políticos, imprensa; relações de trabalho e de amizade; relações afetivas e amorosas; prazeres e desejos; normalizações médicas; mensagens religiosas oriundas de vários púlpitos e doutrinas; posicionamentos e omissões deliberadas, convivências ou “deixa disso” moldam, constroem, inventam realidades históricas. Determinados comportamentos são avaliados como corretos, normais e, por isso, transformados em modelo e referência para todos/as. Reforçando, assim, a manutenção daquela masculinidade pensada, percebida e vivenciada como um dado, real-concreto, pronto e acabado. Afinal, homem nasce homem, já é macho e se vê como tal desde os primeiros momentos de vida, é definido por seu sexo biológico. Todo homem possuiria, assim, naturalmente em si a essência da masculinidade, fazendo desse indivíduo homem macho, um ser coletivo, reconhecido no e pelo coletivo. Não é isso que encontramos no conto de Luiz Fernando Veríssimo, apesar da inegável ironia, e no livro, desnecessário por sinal, das referidas jornalistas?

Os diversos trabalhos acadêmicos já produzidos em torno das masculinidades ajudam a desconstruir esses clichês, evidenciam as condições de possibilidade, as configurações históricas, sociais e culturais desses tipos recorrentes, desses discursos e imagens. Sugerem as redes de poder, os embates e as cristalizações agenciadas. Politizam o riso, o escárnio, a violência, a indiferença e o silêncio.

Confesso que sou motivado a pensar as masculinidades pela constante denúncia desses processos de naturalização. É necessário não só outro olhar, que focalize e, depois, evidencie os “fardos e conflitos da masculinidade”, conforme sugere Maria Izilda Matos (2003, p. XIV), mas se faz urgente um comprometer-se, efetuar no aqui e no agora uma nova ação, o da alteridade. Faço coro com aqueles que afirmam ser possível buscar, expor, complexificar as experiências masculinas, comprometendo-se na e com a denúncia de uma sociedade ainda androcêntrica, que opera por meio de uma heterossexualidade compulsória, muitas vezes para pensar a(s) própria(s) masculinidade(s).

No lugar de insistir, a todo o momento, em pensar o masculino por imagens, referência, sentidos ainda ligados quase que exclusivamente apenas à força, potência, resistência, competição, virilidade, racionalidade, imagens de músculos salientes, mãos calosas; ou ainda, violência, sexo, orgia, poder do falo e testosterona em excesso podemos operar outras aproximações, novos agenciamentos, criar heterotopias, inventando e fazendo da vida obras de arte no e pelos masculinos, potencialidades...

Não é mais novidade no debate intelectual/acadêmico a denúncia de uma masculinidade hegemônica e de uma universalidade do ser “homem”. Mais uma vez, pergunto: não seria essa a prática que encontramos no conto de Veríssimo e das referidas jornalistas, a busca de uma essência inerente. Trata-se de um enquadramento heterossexuado da normalidade masculina. Um enquadramento heterossexual apresentado como uma forma natural de sexualidade. Paradigma heterossexual que se impõe como linha de conduta para os homens. Famigerado, devorador de diferenças, mutilador de potencialidades e de multiplicidades do masculino.

Contudo, até pouco tempo atrás, eram poucos os estudos que analisavam e exploravam as experiências masculinas singulares em oposição a uma universalidade do ser “homem”. Falava-se muito do homem (sujeito universal), do sistema de dominação que eles usavam contra as mulheres. Assim, como critica Albuquerque Júnior (2003, p. 21), “toda a memória da sociedade, toda história da humanidade seria dos homens”.

Nesse sentido, uma determinada trajetória pode ser brevemente mapeada. Não é possível negar a ressonância e contribuição dos chamados estudos feministas, dos pró-feministas e dos estudos de gênero para as novas abordagens em torno das masculinidades. Se por algum tempo estudos de gênero foi sinônimo de estudo da condição e da historicidade do feminino, bem como das feminilidades, agora operamos em outro sentido. Se como sugere Albuquerque Júnior (2003, p. 21), uma determinada historiografia excluiu fazer uma história dos homens, transformado em um outro nunca analisado e definido por oposição ao que se definia como mulher, novos tempos romperam fronteiras políticas, sociais e acadêmicas.

As relações e as abordagens de gênero, entendidas como relacionais, além de não descartar o masculino, e as masculinidades, parte dele, transformado, assim, em centro de reflexão, em tema e preocupação, em objeto de pesquisa. Assim, ao longo dos últimos anos, e muitas vezes de dentro de tais movimentos e perspectivas, tornou-se possível buscar a historicidade do gênero masculino, o outro agora analisado e complexificado.

Com esse novo olhar e essas outras referências para a diversidade do masculino, vontades de verdade foram focalizadas e inseridas em rede de dominação e enfrentamento. Identificação necessária para se organizar resistências e novas batalhas. Lembro, uma vez mais, os textos selecionados como provocações iniciais, além de tantas outras produções de sentido, como os quadros de programa

humorísticos. Um exemplo: o personagem Patrick, do programa “Zorra Total”, autor do bordão “olha a faaaaca”! Homem afeminado, impregnado de trejeitos socialmente reconhecidos como femininos, mas que não se amedontrava e logo mostrava a faca para defender sua companheira e sua honra. Imagens e modelos de uma masculinidade, entre tantas outras experiências, encontros e relações, que fundam, permitem e legitimam relações de poder, relações de força entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, entre padrões e comportamentos masculinos, entre gêneros, entre homens e homens. Relações e exercícios de poder que demarcam as práticas marginais masculinas. Investe em um centro (regulador) do masculino, que deve ser reforçado, blindado e comprovado, ao mesmo tempo, forja espaços e práticas outras, relegados às margens.

Mais uma vez, por meio de vários enunciados, discursos, estratégias, imagens e espaços um modelo de masculinidade é proposto, fixado, se repete, reproduz de masculinidade, ou melhor, reproduz de um modelo de masculinidade. Modelo que é feito, é transformado em dado natural. Logo, qualquer tentativa de desconstruí-lo, criticá-lo, ou mesmo testá-lo, torna-se antinatural, anormal, erro, desvio, transformado em riso, caricatura, escárnio.

Mas e as práticas e desejos que fogem ao padrão estipulado? Práticas que ganham cada vez mais visibilidades. Por que os homens afeminados, aqueles transformados em “homem que não é homem” ainda provocam desconfortos, estranhamentos ou, em outro nível, por que ainda são motivo de chacota, de piada e de risos? Por que são transformados em cinderelas? Por que negar a condições de príncipe àqueles que se inventam no lado fora do modelo que se acredita(va) centro exclusivo de referência e de padrão de masculinidade?

Em nossa contemporaneidade, outra categoria parece servir às velhas estratégias, a do metrossexual. O homem de nosso tempo, como quer alguns! Homem vaidoso, preocupado com sua aparência e beleza. Freqüentador de espaços outrora exclusivo de mulheres, como o salão de beleza. Atento às novidades da moda. Mas que ainda é avaliado e julgado a partir da velha oposição binária. Cito um exemplo de nossos dias, a controvérsia em torno da sexualidade do participante do BBB11, Rodrigão. Na internet, um incansável debate foi travado, de um lado, aqueles que defendiam sua condição heterossexual e, de outro, muitos/as identificando em seus gestos, comportamentos e atitudes o segredo de sua homossexualidade! Imbuídos de ardor e desejo policialesco, precisavam decifrar a verdade oculta de Rodrigão, ainda a velha busca pela natureza a ser encontrada, a essência a ser revelada. Sujeitos a

serviço da (má) consciência, inspetores que usam a vida vivida, colocando-a contra seu próprio autor, exigindo desses reconhecimentos, continuidades, eterno retorno ao mesmo. Crença ainda presente na exatidão e na verdade. Ortodoxos do reconhecido! Críticos que amam e precisam criticar, que fazem de tudo para que o criticado se transforme naquilo que eles criticam. Aqui, reconheço ressonâncias deleuzianas em meu estado de estupefação e de crítica direcionada a tais censores.



Figura 3 - Metrossexual.

Mas quero sublinhar outra consideração sobre o metrosssexual. Da forma como o personagem surge e é moldado, pelos modos por meios dos quais é definido e apresentado é possível afirmar que ele ainda é visto como um sujeito que anuncia sua verdade, naturalizando sua própria condição. Mais uma vez o universal é instituído como ordem, em detrimento do contingente, dos deslocamentos e irregularidades históricas. A mesma pretensão de aceder de uma vez por todas ao conhecimento da verdade do sujeito, a seu controle e domínio.

Apesar de determinadas conquistas sociais, políticas e acadêmicas para as inegáveis masculinidades, em rede vejo ainda jogos de um padrão de masculinidade que identifica, enraíza, paralisa, engessa, mobiliza. Porém, no lugar de fazer desse artigo um lamento, no lugar de focalizar apenas as normalizações e os assujeitamentos é possível pensar de outra maneira as masculinidades. Se ela não é natural e sim produto de múltiplos encontros e relações; se no lugar de singular ela é plural; se apesar de inquestionáveis permanências e hegemônias ela é historicamente construída e vivenciada o “ser masculino” pode ser muito além e muito aquém dos estereótipos e modelos que o tentam definir e desvendar. Nas palavras do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2003, p. X):

“o ser masculino se diz no plural e está muito além e muito aquém dos estereótipos e modelos que o tenta definir e desvendar; que é fluxo e busca incessantes, é o desenhar de rostos fugazes na areia que se esboroam com o sopro de uma pequena brisa de final de tarde de verão.”

Assim, temos masculinidades mais fluidas, móveis e possíveis de reinvenções subjetivas. Se é dispersão e fluidez, por que ainda queremos, a todo custo, defini-la como um campo todo cercado de arame farpado, com fronteiras atemporais? Em consequência, o universal masculino deixa de ser generalizável e identificável, não mais correspondente aos estereótipos historicamente cristalizados. No lugar dele, revela-se um vasto universo de imagens, símbolos e códigos... aspectos problemáticos do ser homem, fatos e conflitos da(s) masculinidade(s).

Entre tantos temores ainda vivos e pulsantes, violentos e agressivos, estaríamos em nosso tempo presente presenciando o enfraquecimento de um exercício de poder e dominação? Desvirilização da sociedade, dos homens e de certos espaços? Novas relações de força e de poder? Homens frequentando salões de beleza; mulheres assumindo cargos, relações e práticas até então dominadas por homens; homem que amam e desejam homens assumindo suas relações consigo e com os outros, seus desejos, seus prazeres, suas relações homoafetivas, mas ainda se vendo, se (re)inventando como homens, nas e pelas masculinidades plurais.

Estamos em uma nova condição: a de visibilidade e a conquista de novas possibilidades, versões, formas e modos de masculinidades. Mas isso seria perda ou ganho? Ou melhor, por que continuar avaliando tudo a partir desses princípios utilitários? No lugar, novas intensidades...

Fonte das imagens

1. <http://uninuni.com/uninuni/wp-content/uploads/2009/10/Cabra-Macho.png>
2. Foto cedida pelo fotógrafo Paulo Cesar Longarini. Acervo particular.
3. http://avidadetiago.apostos.com/files/cuar01_hitchens0710.jpg

Referência Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

AZEVEDO, Ticiane; DIEGUEZ, Consule. *Cuidado! Seu Príncipe pode ser uma Cinderela*. SP: Best Seller, 2010.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu*. Revista Semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu Unicamp, Campinas/SP. 28, jan.-junho 2007:7, pp., 65-99.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

DEWETT, Babi. Resenha “Cuidado! Seu Príncipe pode ser uma cinderela!”. Disponível em: <<http://www.babidewet.com/2010/05/29/resenha-cuidado-seu-principe-pode-ser-uma-cinderela>>. Acesso em: 22/06/2010.

MATOS, Maria Izilda S. Desvendando o passado: nordestino uma invenção do falo. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003, p. XIII - XVI.

MONTEIRO, Marko. *Tenham piedade dos homens: masculinidades em mudança*. Juiz de Fora: Edições Feme, 2000.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SCHPUN, Mônica Raisa. (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Homem que é homem. Disponível em: <http://www.releituras.com/lfverissimo_hoqueeho.asp>. Acesso em 30/03/2011. Texto original publicado em 2000.

VILLARDO, Ronald. Livro 'Seu príncipe pode ser uma Cinderela' lança a homofia 'soft'. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/villardo/posts/2010/05/27/livro-seu-principe-pode-ser-uma-cinderela-lanca-homofobia-soft-294943.asp>.. Acesso em: 23/06/2010.

Recebido em abril de 2011
Aprovado em maio de 2011.

Arte: Lúcio Érico